

**O ENSINO DA LÍNGUA ALEMÃ INSTRUMENTAL NA  
UNIVERSIDADE.  
UM EXEMPLO: ALEMÃO INSTRUMENTAL PARA  
FILOSOFIA.**

ELIANA G. FISCHER  
USP

Dividirei minha exposição em duas partes: inicialmente gostaria de dar uma visão geral sobre a situação do ensino de alemão instrumental nos cursos superiores, apresentando o material didático existente para diversas áreas do conhecimento, para passar, então, a relatar minha experiência com um curso instrumental específico: o de língua alemã instrumental para estudantes de Filosofia.

**I - O ensino de língua alemã instrumental**

A procura por cursos instrumentais tanto aqui no Brasil como na Alemanha tem aumentado muito nos últimos anos, e tudo indica que esta tendência continuará, visto que cada vez mais pessoas procuram estudar alemão com um objetivo prático e interesses específicos. Elas não querem ficar anos estudando nos cursos gerais de alemão como língua estrangeira, onde a progressão é lenta e se dá muita ênfase em capacidades como a fala e a escrita, que são secundárias para quem está preocupado com a leitura de textos.

O aumento da procura por cursos instrumentais cria, no entanto, dois novos problemas: a formação de professores e a elaboração de material didático para esses cursos específicos, que apresentam metodologia e didática diferentes dos cursos habituais de língua estrangeira, e onde os professores vão se deparar com estudantes com outro tipo de expectativa quanto ao curso de língua.

Um professor de língua instrumental freqüentemente é obrigado a dar um curso a estudantes de certa área do conhecimento, na qual ele

próprio não é versado (se sente competente). Essa situação pode gerar muita insegurança. Há teóricos que acreditam, por isso mesmo, ser essencial que um professor seja especialista na área na qual ele vai dar o curso instrumental. Não sou dessa opinião, na medida em que eles não dão com isso o devido valor à competência dos estudantes e à qualidade dos livros didáticos. Compartilho com as idéias de BUHLMANN e FEARNs<sup>1</sup> que afirmam que basta o professor ter interesse e informações gerais sobre determinado assunto, visto que ele vai lidar com especialistas que são competentes e lerão textos de sua especialidade. Um professor não precisa conhecer geometria analítica ou trigonometria para dar um curso instrumental para matemáticos.

O professor precisará, isto sim, “conformar-se” com uma nova situação em aula, onde ele não é mais o único detentor do saber, mas onde haverá necessariamente um intercâmbio entre os estudantes e o professor a partir dos textos lidos.

Neste momento deparamo-nos com o outro problema gerado pela grande demanda de cursos instrumentais: a falta de material didático adequado.

Foi na década de 60 que surgiram os primeiros métodos de ensino para cursos de leitura em áreas específicas na Alemanha. Tais métodos, no entanto, pressupunham inicialmente alguns semestres num curso de língua geral. Além disso os textos eram, em sua maioria, simplificados ou textos de divulgação, onde não se atenta à linguagem rigorosa da ciência. Em meados dos anos 70 finalmente apareceram os primeiros métodos com textos autênticos de determinada área.<sup>2</sup>

No Brasil, foi no fim dos anos 70 que começaram a ser ministrados os primeiros cursos de alemão instrumental, como o de “Alemão Técnico para Engenheiros” na Universidade Federal de Minas Gerais, sob orientação de Gerhard FUHR.<sup>3</sup> De lá para cá trabalhos isolados têm sido feitos em várias universidades brasileiras.<sup>4</sup>

Em julho passado, durante o congresso de fundação da ABRAPA (Associação Brasileira de Associações de Professores de Alemão) foram lançados no Brasil os primeiros três livros de textos para cursos de alemão instrumental que fazem parte de um sistema modular (BAUKAS-TENSYSTEM) que pretende abarcar todas as áreas de interesse para brasileiros. Essas publicações (Gramática do Alemão Científico, Linguistik e Elektrotechnik) são o resultado concreto das pesquisas desenvolvidas desde 1983 por um grupo de trabalho de leitores do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico) na América Latina. Esse sistema de módulos constitui-se dos seguintes elementos:

- uma gramática central de referência;

- módulos com textos e exercícios para áreas específicas;
- posteriormente, glossário básico do alemão técnico-científico.<sup>5</sup>

## II - Língua Alemã Instrumental para Filosofia na USP

Gostaria de relatar agora minha experiência com o curso intitulado “Língua Alemã Instrumental para Filósofos”, que vem sendo ministrado desde 1986 no Departamento de Filosofia da USP.

O curso é dividido em dois semestres, com quatro aulas semanais e é oferecido como disciplina optativa para os estudantes da graduação. Para cursar a disciplina não é exigido conhecimento prévio de língua alemã.

O curso foi concebido em conjunto com o professor Herbert Bornebusch, que na época era professor leitor do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico junto ao Curso de Língua e Literatura Alemã.

Para a seleção de textos e elaboração do material didático, partimos do princípio, aceito hoje por todos os teóricos do assunto, de que quanto mais específico um texto, tanto mais fácil sua compreensão para o especialista da área.

Tal princípio tem implicações diretas na nossa concepção do curso instrumental. Trabalhamos apenas com textos autênticos, que além de serem mais fáceis para o especialista, são mais motivantes, correspondendo aos seus reais interesses, e mantém intacto o dispositivo semiótico, facilitando a inferência do sentido, mesmo quando o estudante ainda não tem a necessária competência lingüística na língua estrangeira. No curso procuramos ensinar-lhe certas técnicas e estratégias de leitura, que lhe possibilite abordar textos novos, identificando idéias centrais e a intenção comunicativa do texto, tornando-o capaz de reconhecer certas estruturas lingüísticas e textuais recorrentes para chegar à compreensão global do texto.

Diante das mais variadas formas textuais usadas na Filosofia, como por exemplo os poemas de Nietzsche, os neologismos de Heidegger, a linguagem formalizada na Lógica Formal, no entanto, fica difícil pensar numa língua específica da Filosofia, com uma quantidade restrita de paradigmas lexicais, morfológicos e sintáticos, com estruturas textuais padronizadas e uma terminologia normalizada, como as que encontramos nas matérias exatas e biológicas. Na Matemática ou na Química, por exemplo, não é necessário ensinar o uso das 1<sup>as</sup> e 2<sup>as</sup> pessoas, do pretérito perfeito e imperfeito, do subjuntivo, etc. A terminologia é padronizada e há um

certo número de tipos textuais, o que simplifica e facilita a aprendizagem.<sup>6</sup>

Mas analisando variados textos filosóficos, notamos que é possível encontrar restrições e estruturas freqüentes em certos tipos de textos, como por exemplo, nos aforismos e artigos de enciclopédia ou em textos de uma só tradição, método ou escola filosófica (como, por exemplo, na Lógica Formal, na Fenomenologia, na Hermenêutica etc.).

Para o aluno, o texto mais fácil é aquele que apresenta: a) grande número de elementos icônicos, tais como gráficos, ilustrações, ou que tenha outros dados facilmente decifráveis, como datas ou nomes próprios; b) aquele que apresenta uma divisão clara em parágrafos, tenha subtítulos e, c) aquele que corresponde às estruturas discursivas conhecidas. Assim, por exemplo, nas enciclopédias, quase todos os artigos têm a mesma estrutura. Começam com a denominação do conceito, depois seguem os sinônimos, a definição do conceito, a classificação, descrição, opiniões diferentes ou contrárias que existem na área, a literatura de pesquisa etc. Conhecendo essa estrutura, e sabendo que uma definição é formulada freqüentemente com a ajuda de uma oração relativa, a leitura é bastante facilitada.

Procuramos, pois, capacitar os estudantes a lerem sem aprender inteiramente todos os paradigmas gramaticais. Certas dificuldades para o aluno de alemão como língua estrangeira no curso de Letras, não são para o estudante da língua instrumental, como, por exemplo, a declinação dos adjetivos e dos substantivos (exceção feita às formas do genitivo, onde o morfema de genitivo -s é tomado por morfema de plural), pois são formas irrelevantes para a leitura do texto.

Começamos o curso com textos em que predominam os sintagmas nominais, as palavras internacionais, as palavras compostas. São textos de um catálogo de curso de uma universidade alemã e trechos de propaganda editorial, com a descrição resumida de livros filosóficos. Tais textos mostraram-se muito motivantes nas primeiras aulas, pois dão ao aluno, logo de início, uma vivência de sucesso na compreensão quase total de textos originais.

Em seguida trabalhamos com aforismos e silogismos, onde encontramos o presente dos verbos (sobretudo a 3ª pessoa), adjetivos e advérbios, pronomes e orações absolutas. Trabalhamos, então, com textos sobre a Lógica Formal, biografias, textos de contracapa e textos curtos de enciclopédias, que já apresentam construções hipotáticas, mas têm uma estrutura textual clara.

A seguir, dedicamos sempre um capítulo a um certo filósofo, como Wittgenstein, Nietzsche, Schopenhauer, Marx.

A partir do terceiro mês de aulas, cada aluno deve trazer um

texto de seu interesse, reservando-se a primeira hora para a discussão dos problemas encontrados durante sua leitura.

Antes de iniciar a leitura de um texto, o estudante deve formular hipóteses quanto ao conteúdo do texto, observando o título, eventuais subtítulos, as "ajudas" do texto (representação gráfica, números, nomes etc.), e atualizar suas experiências prévias tanto em relação ao assunto quanto ao tipo de texto. Essas hipóteses posteriormente podem se confirmar ou não, impondo uma constante reformulação e nova verificação no texto, de forma que à medida em que a leitura avança se reduzam as incertezas.

Para nós, a leitura consiste de várias técnicas de leitura, como a leitura orientada, a leitura seletiva, a leitura total<sup>7</sup>. Dependendo da natureza do texto e dos objetivos a que nos propomos, interessa encontrar o tem e as idéias principais do texto, procurar certas informações ou todos os detalhes do texto, induzindo o aluno através de perguntas e tarefas a utilizar essas técnicas.

A seguir, alguns tipos de tarefas que usamos no curso:

- sublinhar palavras conhecidas
- relacionar tradução e original
- reconstruir a tradução com a ajuda do original
- procurar o(s) tema(s), achar subtítulos
- preencher textos paralelos português/alemão
- comparar paráfrases / implicações no texto e determinar se estão certas ou erradas
- ordenar afirmações / palavras-chave
- caracterizar afirmações, tipos de texto, tipos de argumentação
- reconhecer as estruturas lógicas (sublinhar conectivos, designar os elementos anafóricos e catafóricos)
- solucionar problemas gramaticais com a ajuda do texto (achar o infinitivo de certos verbos conjugados, achar o substantivo referente a certo adjetivo etc.)
- criticar traduções
- fazer traduções.

Os estudantes têm um papel extraordinariamente importante em aula. Eles são os especialistas, formulam hipóteses, usam o conhecimento filosófico. O texto e a leitura do texto ajudam somente a enriquecer esse conhecimento. A motivação é enorme.

Após dois semestres, seria esperar demais que os estudantes tenham condições de ler qualquer texto filosófico em alemão, mas a experiência tem mostrado que estão aptos a confrontar com o texto original uma tradução que apresente problemas e a traduzir pequenos textos de

sua especialidade.

## NOTAS

1. BUHLMANN, R. e FEARNs, A. - **Handbuch des Fachsprachenunterrichts**. Berlin, Langenscheidt, 1987.

2. BINDER, H. e BUHLMANN, R. - **MNF - Hinführung zur mathematisch - naturwissenschaftlichen Fachsprache**, Berlin, Max Hueber, 1972.

BUHLMANN, R. e FEARNs, A. - **NTF - Hinführung zur naturwissenschaftlich-technischen Fachsprache**. München, Max Hueber, 1980.

3. Gerhard Fuhr atualmente é professor no curso de graduação de alemão da UNISINOS em São Leopoldo e coordenador de Alemão no Rio Grande do Sul.

4. Ina Warnwke Ashton (Direito - Porto Alegre)  
Christian Hamm (Filosofia - Santa Maria)  
Renate Dittrich (Matemática - Rio de Janeiro)  
Paulo S. Xavier de Oliveira (Filosofia - Campinas)

5. FUHR, G. - **Bausteine Fachdeutsch für Wissenschaftler - Gramática do Alemão Científico**. Heidelberg/São Paulo, Julius Groos/EPU, 1989.

TALLOWITZ, U. - **Bausteine Fachdeutsch für Wissenschaftler - Linguistik**. Heidelberg/São Paulo, Julius Groos/EPU, 1989.

BRUSS, J. - **Bausteine Fachdeutsch für Wissenschaftler - Elektrotechnik**. Heidelberg/São Paulo, Julius Groos/EPU, 1989.

6. BUHLMANN e FEARNs (1987).

7. BUHLMANN e FEARNs (1987).